



Originals recebidos em 23 de abril de 2018

Aceito para publicação em 21 de dezembro de 2018

Educação musical humanizadora em um projeto de extensão: desvelando processos educativos

Murilo Ferreira Velho de Arruda¹, Luiz Gonçalves Junior²,

Bruna Fuentes da Costa³

Resumo: O objetivo desta investigação foi desvelar processos educativos presentes em uma intervenção com educação musical humanizadora no contexto do projeto de extensão social Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer (VADL), criado em 1999, junto ao Departamento de Educação Física e Motricidade Humana (DEFMH) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). O projeto é desenvolvido com a pedagogia dialógica por equipe interdisciplinar de educadores/as, junto a crianças e adolescentes de 7 a 17 anos, de periferia urbana e empobrecida da cidade de São Carlos, interior do estado de São Paulo. A metodologia foi desenvolvida com inspiração na fenomenologia, e como procedimentos, utilizamos registro de observações em diários de campo, referente ao período de criação, preparação e apresentação, junto aos participantes do citado projeto de extensão, de uma música para a 9ª edição do "Festival Sons e Movimentos", que aconteceu no Teatro Florestan Fernandes da UFSCar. A partir da análise dos diários de campo, quatro categorias foram construídas: A) Organização em coletividade; B) Brincando e aprendendo música; C) Em busca do diálogo; D) Gente é pra brilhar não pra morrer de fome. Com base nestas categorias consideramos que foram desvelados processos educativos de solidariedade, cooperação, autonomia, protagonismo, respeito, disciplina individual e coletiva.

Palavras-chave: Processos Educativos, Educação Musical, Pedagogia Dialógica

Content shared under [Creative Commons Attribution 4.0 Licence](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) CC-BY

1. Doutorando em Educação PPGE-UFSCar. Rodovia Washington Luís, km 235, Programa de Pós Graduação em Educação PPGE - PSPE, Bairro: Monjolinho, São Carlos-SP, CEP 13565-905. arruda.murilo@gmail.com (autor para correspondência)
2. Professor Titular, DEFMH/PPGE/UFSCar. luzgj7@gmail.com
3. Educadora Musical – UFSCar. brunafuentes@gmail.com



**Fórum de
Pró-Reitores
de Extensão
das Instituições
Públicas de
Educação Superior
Brasileiras**

Humanizing music education in an outreach project: unveiling educational processes

Abstract: This paper aimed to unveil educational processes within an intervention with humanizing music education at the outreach social project Experiences in Diversified Leisure Activities, created in 1999, along with Physical Education and Human Motricity Department from Universidade Federal de São Carlos (Federal University of São Carlos, UFSCar). Based on dialogic pedagogy, the project was developed by an interdisciplinary team of educators with children and youth from 7 to 17 years old from impoverished areas of the periphery of São Carlos city, in São Paulo state. The methodology was developed with inspiration in phenomenology, and as methodological procedures, we registered the observations in field diaries, from conception, preparation and presentation of a song with participants of the outreach program at the 9th Sounds and Movement Festival, which took place at Florestan Fernandes Hall of the UFSCar. Through field diaries analysis four categories were built: A) Collective organization; B) Playing and learning music; C) Seeking dialogue; D) People is to shine not to starve. Based on those categories we consider that unveiled educational processes related to solidarity, cooperation, autonomy, protagonism, respect, individual and collective discipline.

Keywords: Educational Processes, Music Education, Dialogic Pedagogy

Educación musical humanizadora en un proyecto de extensión: desvelando procesos educativos

Resumen: El objetivo de esta investigación fue desvelar procesos educativos presentes en una intervención con educación musical humanizadora en el contexto de lo proyecto de extensión social Vivencias en Actividades Diversificadas de Ocio, creado en 1999, junto al Departamento de Educación Física y Motricidad Humana (DEFMH) de la Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). El proyecto es desarrollado con la pedagogía dialógica por equipo interdisciplinar de educadores/as junto a niños y adolescentes de 7 hasta 17 años de periferia urbana y empobrecida de la ciudad de São Carlos, interior del estado de São Paulo. La metodología fue desarrollada con inspiración en la fenomenología y como procedimientos utilizamos registro de las observaciones en diarios de campo, referente al período de creación, preparación y presentación junto a los participantes de lo citado proyecto de extensión de una música para la 9ª edición del “Festival Sonidos y Movimientos”, que ha acontecido en lo Teatro Florestan Fernandes de la UFSCar. A partir de la análise de los diarios de campo cuatro categorías fueran construidas: A) Organización en colectividad; B) Jugando y aprendiendo música; C) En busca del diálogo; D) Gente es para brillar no para morir de hambre. Desde estas categorías consideramos que fueran desvelando procesos educativos de solidaridad, cooperación, autonomía, protagonismo, respecto, disciplina individual y colectiva.

Palabras-clave: Procesos Educativos, Educación Musical, Pedagogía Dialógica

Introdução

O objetivo desta investigação foi desvelar processos educativos presentes em uma intervenção com educação musical humanizadora¹, no contexto do projeto de extensão social Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer (VADL), criado em 1999, junto ao Departamento de Educação Física e Motricidade Humana (DEFMH) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Segundo Freire (2014), a educação é uma manifestação exclusivamente humana, pois nós, seres humanos, somos inacabados e temos consciência disso. Tal fato implica reconhecer que estamos em constante processo educativo ao longo da vida, visando transcendência.

Além disso, os processos educativos não acontecem de maneira solitária, mas decorrem de práticas sociais. Em acordo com Freire (2014) “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens [e as mulheres] se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (p. 95). Assim, é possível afirmar que em todas as práticas sociais,

como nas rodas de conversas entre amigos/as, em um momento de brincadeira na rua, no recreio escolar e ao tocar um instrumento musical, há presença de processos educativos, conforme entendimento desenvolvido por Oliveira *et al.* (2014).

Gonçalves Junior, Carmo e Corrêa (2015) complementam que os processos educativos:

[...] ocorrem em uma relação mútua de aprendizagem e não só em uma situação em que um ensina ao outro, tendo como pressuposto fundamental para seu desenvolvimento o diálogo equitativo e a intencionalidade dirigida para a cooperação, superação, o ser mais, demandando autonomia, possibilidade de decisão e de transformação. Tais condições permitem aos envolvidos compreender em contexto, valores e códigos do grupo, da comunidade e da sociedade em que vivem, tendo a possibilidade de refletir criticamente sobre sua própria condição de pertencimento ao mundo com os outros, educando e educando-se, tornando-se pessoa (p. 176-177).

Ademais, para Freire (2014), a educação faz parte da busca pelo *ser mais*, ou seja, pela humanização do mundo, vocação ontológica de todo ser humano.

Com esta compreensão de educação, pensamos e agimos em educação musical, denominando-a de humanizadora. Para Galon *et al.* (2013):

A visão de que o educador musical tem como objetivo unicamente ensinar o aluno a tocar bem um instrumento, não levando em conta suas necessidades globais como ser humano, pode ainda estar presente no meio musical. Infelizmente o aprendizado musical pode estar ligado questões unicamente relacionadas ao desenvolvimento técnico (p. 2).

Concordamos também com Martins e Gonçalves Junior (2017) que práticas em educação musical humanizadora: “[...] exigem compromisso e responsabilidade, busca permanente de conhecimentos e habilidades, interação criativa e cooperativa na convivência das diferentes culturas (inclusive e especialmente no caso desse estudo: musicais)” (p. 246) elementos que prescindem de “[...] *co*-laboração, de *com*-vivência, de solidariedade, de respeito e reconhecimento do Outro” (p. 246).

Tais cuidados nas ações em uma perspectiva de educação musical humanizadora implica no que Rubem Alves (2011) denomina de “conhecimento saboroso”, construindo tal ideia a partir da palavra *sapere*, do latim, que tem etimologicamente duplo sentido: “saber” e “ter sabor”. Para o autor, os saberes são explicáveis, dizíveis através das palavras. Já os sabores são apenas sentidos, aproveitados e não se pode transmiti-los através das palavras. “O corpo diz: ‘Isso é saboroso’. Ouço, entendo as palavras. Sei o que elas significam. A despeito disso, continuo ‘sem saber’, ou melhor, ‘sem sabor’. Nada sei sobre o sabor do saboroso. Para o sabor, não há palavras” (p. 59).

Assim, partimos de uma visão de educação musical humanizadora que não implica exclusivamente a profissionalização de musicistas, mas proporcionar acessibilidade à música, para melhor apreciar, expressar, comunicar ou executar. Mais além, que com a educação musical possamos compreender as múltiplas dimensões e relações da música com política, arte e história, por exemplo.

Para Kater (2004):

Música e educação são, como sabemos, produtos da construção humana, de cuja conjugação pode resultar uma ferramenta original de formação, capaz de promover tanto processos de conhecimento quanto de autoconhecimento. Nesse sentido, entre as funções da educação musical teríamos a de favorecer modalidades de compreensão e consciência de dimensões superiores de si e do mundo, de aspectos muitas vezes pouco acessíveis no cotidiano, estimulando uma visão mais autêntica e criativa da realidade (p. 44).

Com tal compreensão, aprender música na perspectiva da educação musical humanizadora vai além do desenvolver técnicas e apreender conteúdos. Tal prática social tem a intencionalidade de propor relações humanas pautadas no respeito, na amorosidade, no diálogo. Sobre educação musical humanizadora, Severino e Joly (2016) afirmam que “[...] as pessoas se educam na convivência, em colaboração, respeitando as individualidades e o sentido coletivo do grupo, incluindo o respeito à ética, à estética, a tolerância, a esperança, mediatizados pela música, seja ela qual for” (p. 26).

Acrescentamos ser possível estabelecer uma relação entre os conceitos de educação musical humanizadora e música comunitária, cuja abrangência se dá em âmbito internacional. Segundo Higgins (2010), em música comunitária² “[...] há uma ênfase na participação, no contexto, em oportunidades igualitárias e em diversidade. Os músicos que atuam nesse campo procuram criar experiências práticas musicais relevantes e acessíveis para os participantes que escolhem estar no grupo” (p. 9). Higgins (2012) também indica relação do conceito de música comunitária com educação libertadora (ou pedagogia dialógica) de Paulo Freire. Neste sentido, ações com educação musical humanizadora ou com música comunitária têm como uma de suas principais bases a proposição do educador brasileiro Paulo Freire (2011; 2013; 2014), sendo possível estabelecer fortes relações entre os conceitos.

Salientamos que o projeto de extensão social VADL também tem como uma de suas referências centrais de ação pedagógica a educação libertadora (ou dialógica) de Freire; isto favoreceu o desenvolvimento desta intervenção com educação musical humanizadora no período de criação, preparação e apresentação junto as crianças e adolescentes participantes do citado projeto de uma música para a 9ª edição do “Festival Sons e Movimentos”. Desta experiência, coletamos os dados apresentados e analisados neste artigo.

Metodologia e procedimentos

O projeto de extensão social Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer (VADL) foi criado em 1999, junto ao Departamento de Educação Física e Motricidade Humana (DEFMH) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Desde então, passou por diversas mudanças de estrutura, equipe de educadores/as, programação e local de desenvolvimento da ação.

Desde 2013, o projeto é desenvolvido no Clube do Sindicato dos Metalúrgicos de São Carlos, situado no bairro Santa Felícia, a partir de parceria firmada entre a UFSCar e a Associação Desportiva, Educacional e Social dos Metalúrgicos (ADESM), contando com apoio da *Fondation Terre des Hommes* (TDH).

Os encontros do projeto ocorrem duas vezes por semana e com as seguintes atividades centrais: terças-feiras,

ciclismo e *fútbol callejero*³; quintas-feiras, capoeira e musicalização; tanto pela manhã como pela tarde para que os/as participantes, crianças e adolescentes entre 7 e 17 anos, possam vir no contraturno escolar. A equipe de educadores/as do projeto é interdisciplinar (graduandos em Biologia, Biblioteconomia, Educação Física, Educação Musical e Pedagogia, bem como pós-graduandos em Educação), os quais se dividem nestes dois dias de atividades e se reúnem uma vez por semana para reuniões de formação e planejamento/avaliação das atividades (GONÇALVES JUNIOR, 2017).

Os termos “educadores/as” e “participantes” merecem uma atenção especial. O termo “educador/a” se refere aos/as coordenadores/as, bolsistas e voluntários/as da UFSCar, e “participantes” para as crianças e adolescentes que frequentam o projeto. Entretanto, no cotidiano do projeto as funções de educador/a e participante se mesclam, buscando o protagonismo e o diálogo durante todas as atividades, sobretudo nas rodas de conversa no início e final de cada período (matutino e vespertino), bem como em momentos como a construção coletiva de regras, combinados para os jogos e brincadeiras, nos diálogos para regulação de conflitos. O diálogo, portanto, ocupa um papel essencial em nossas práticas, haja vista previsão de trabalho de intervenção com base na pedagogia dialógica de Paulo Freire (GONÇALVES JUNIOR, 2017).

Ao final de cada período os/as educadores/as se reúnem por mais uma hora a fim de conversar sobre os acontecimentos no projeto e construir um diário de campo que, segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 150), se trata do “[...] relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da escolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo”. Os diários consistiram de duas partes: a descritiva, com atividades, acontecimentos do bairro, clima, cotidiano dos/as participantes, e a reflexiva, com comentários do/a observador/a, ideias e assuntos a tratar nas reuniões de formação e planejamento/avaliação. Tal momento era realizado com fins de registro e também para reflexão e avaliação das relações e atividades propostas no projeto.

No caso desta investigação, selecionamos diários de campo específicos do período de criação, preparação e apresentação de uma música na 9ª edição do “Festival Sons e Movimentos”, que ocorreu no Teatro Florestan Fernandes da UFSCar (cuja capacidade é de 420 pessoas). O primeiro diário analisado se refere ao dia 7 de agosto de 2014, que corresponde ao dia em que tal proposta foi apresentada aos/as participantes do VADL; e o último diário, o do dia 30 de outubro de 2014, quando aconteceu a apresentação propriamente no evento (período noturno), bem como ensaio final em palco do citado teatro (período vespertino), que contempla também momentos que educadores/as e participantes passearam juntos na UFSCar. A fim de cumprir com os preceitos éticos em pesquisa, os/as participantes e responsáveis realizaram matrícula que contempla a previsão de uso de dados para fins de divulgação do VADL e realização de pesquisas acadêmicas, apontando os riscos, benefícios e finalidades

das coletas de dados. Para este estudo, os nomes dos/as participantes e educadores/as foram alterados por nomes fictícios escolhidos por eles/as próprios/as.

A pesquisa foi desenvolvida com inspiração metodológica qualitativa pautada na fenomenologia, a qual busca a compreensão dos fenômenos e não sua explicação. Segundo Merleau-Ponty (1999, p. 200) “compreender é experimentar o acordo entre aquilo a que visamos e aquilo que é dado, entre a intenção e a efetuação, alertando que o significado não está nas coisas, mas na compreensão do humano sobre as coisas”.

Após diversas leituras dos registros dos diários de campo, ao identificarmos unidades de significado convergentes ou divergentes, estas foram agrupadas em categorias temáticas, objetivando movimento intencional em busca da essência do fenômeno pesquisado (MARTINS; BICUDO, 1989), ou seja, os processos educativos desvelados em uma intervenção com educação musical humanizadora no contexto do projeto VADL.

No próximo tópico desta investigação, construção dos resultados, as unidades de significado são utilizadas de modo substantivo na discussão da categoria de análise, sempre se identificando os diários de campo das quais elas foram extraídas, sendo que os excertos de diários de campo serão identificados pela numeração correspondente em números romanos (I, II, III...) e da identificação das unidades de significado em algarismos arábicos (1, 2, 3...). No caso de divergências dentro das categorias, as unidades de significado correspondentes a essas situações serão identificadas pela letra “d”. Por exemplo, no caso de utilização de um excerto do diário de campo III, unidade de significado 2, sendo esta divergente, teremos a seguinte notação entre parênteses: (III-2d).

Construção dos Resultados

Categoria A: Organização em Coletividade

Durante a leitura dos diários de campo, diversas situações referentes a processos educativos de organização se destacaram como um aspecto do projeto VADL. Nesta categoria foram selecionados trechos que descrevem a organização dos/as participantes e educadores/as na realização das ações. Tal forma de organização desvela escolhas sobre a prática educacional a qual o projeto se propõe, bem como relações sociais que se dão nele a partir de tal escolha e práxis, envolvendo processos educativos de solidariedade e cooperação constante entre os/as envolvidos/as.

Ao final de cada dia, os educadores juntamente com as crianças se reúnem numa roda de conversa final para conversarem sobre o dia vivenciado e também recolherem as sugestões de brincadeiras para serem votadas e realizadas na próxima quinta-feira. Assim, o educador Lilo conduziu a roda de conversa final e começou falando sobre o diário de campo e se alguém tinha algum comentário para acrescentar.

Diante dessa pergunta foi registrado: Cadu⁴ “Querida bicicleta no brinquedo livre e gostei do dia”.

Lili: “Estava gostando de fazer a música para o festival”.

Frynkin: “Gostei do bets” (I-3)

Conforme vimos em Freire (2013) a educação é uma forma de intervenção no mundo e que para além dos conteúdos, implica em um esforço de reprodução ou contestação da ideologia dominante, se dando de maneira dialética e contraditória. A educação não é neutra e, portanto, as escolhas de tempo, espaço e atividades apontam intencionalidades dos envolvidos/as (participantes e educadores/as).

No VADL, a organização das dinâmicas para sugestão, votação e realização das atividades mudavam conforme as necessidades dos participantes do projeto. A atividade musical visando apresentação no Festival, por exemplo, passou a ser realizada em todos os períodos em ambos os dias (terça e quinta) para que fosse possível construir e ensaiar a música a tempo de ser apresentada adequadamente no “Festival Sons e Movimentos”. Essas mudanças geraram cuidados adicionais:

O educador apresentou a dinâmica novamente para as crianças e adolescentes, pois estavam confusos/as sobre o novo desenvolvimento do projeto e se atrapalhavam na hora de votar nas atividades. Fizemos com bastante calma, sempre tentando entrar num consenso para todos brincarmos juntos (X-7).

Apesar de estipulado um objetivo que demandava uma participação regular e mais intensa (ensaio da atividade musical em ambos os dias da semana), houve um cuidado entre educadores/as e participantes no momento de dialogar sobre as atividades do encontro seguinte, visando compreensão e acordo com esta alteração, bem como organização da escolha das outras atividades, com participação cooperativa e solidária de todos/as.

Categoria B: Brincando e Aprendendo Música

A busca pelo conhecimento saboroso, em acordo com Alves (2011), pode ser observada em diversos momentos durante este contexto de criação, ensaio e apresentação musical. Após apresentação da proposta de construir a música coletivamente, os/as participantes escreveram, desenharam ou expuseram sugestões para letra da música, assuntos e ritmos (I-1, I-2). As abordagens variavam conforme expectativas dos/as educadores/as, como a de que os/as participantes tocassem instrumentos, em um processo de brincar aprendendo:

A prática com os instrumentos de percussão se deu no início da segunda atividade planejada, o “brinquedo livre”. Os educadores Odair e Lilo em dispor os instrumentos como uma possibilidade de escolha para o “brinquedo livre”. Para isso, levaram

surdo, caixa, caxixi, tamborim e agogô e ficaram tocando diferentes ritmos para que, caso o/a participante se interessasse, pudesse tocar junto (VI-1).

E de que todos/as cantassem a letra:

Retomando o ensaio, fizemos uma atividade diferente. Falamos a música em forma de jogral, cada um/a que estava na roda falaria uma frase sozinho/a. Fizemos uma rodada assim, depois a educadora Joana falou para cantarmos em vez de só falarmos. Então, assim foi feito por duas vezes. Posteriormente o jogral foi executado de forma invertida, cada participante cantaria uma frase/verso da música seja ele qual fosse, sem se importar com a ordem, só dando atenção a melodia da mesma (X-3).

Os/as educadores/as também trocaram experiências musicais entre si, por exemplo, quando o educador Deco ficou ajudando educadores/as a aprender melhor tocar berimbau (VII-7).

A letra da música para apresentação no Teatro foi construída coletivamente (educadores/as e participantes), o que engendra processos educativos de autonomia e protagonismo entre os/as envolvidos/as. Vale ressaltar que a letra descreve o cotidiano do projeto VADL, tendo como refrão parte de música que versa sobre crítica à exploração do trabalho infantil, chamada “Criança não Trabalha”, do grupo Palavra Cantada. O título dado à música criada, escolhido por todos/as, foi *Diversons* (envolvendo mescla da palavra “divertimento”, sentimento característico no projeto que envolve atividades de lazer, com a palavra “sons”, referindo-se a parte do nome do Festival: “Sons e Movimentos”) e a letra é:

Aqui é o VADL/ Nós somos de todos os cantos de São Carlos,
Terças e quintas diversas brincadeiras/ Futebol, pião, dado, capoeira
Chego no clube e logo pergunto: “Vai ter bicicleta?”
Também tem piscina e imagem e ação/ Bola Shogun e polícia e ladrão

Criança não trabalha,
Criança dá trabalho⁵

Os educadores sempre ajudam e eu nunca quero perder
Bola, peteca e também tem boneca
(falado por algum adulto) Vai trabalhar!
(falado pelas crianças) Não! Queremos diversão!

Categoria C: Em busca do diálogo

Há nesta categoria uma constante tensão em relação as ações dialógicas, já que o VADL tem, em suas diretrizes, conforme já anunciado, a proposição do educador Paulo Freire (2011; 2013; 2014). Por isto a palavra “busca” no título é fundamental, pois requer exercício constante e

humilde de ir ao encontro de ações dialógicas, observando crítica e autocrítica no fazer.

Neste sentido, um dos momentos importantes do projeto foram as rodas de conversa para escolher, no coletivo, envolvendo argumentação, consenso e/ou votação das atividades a serem realizadas no encontro seguinte do VADL. Nestas rodas, a abertura para mudanças do que foi planejado a partir de pedidos e argumentos também revelaram a busca pelo diálogo (III-1). A proposta de participar do Festival foi apresentada e discutida com os/as participantes. Após combinarem de participar, os/as educadores/as propuseram a construção coletiva da música (I-2).

Por outro lado, houve momentos em que a preparação para o Festival teve como foco exclusivo o produto musical que seria exibido, revelando anseios por parte dos/as educadores/as em realizar uma adequada apresentação e manter o compromisso estabelecido com a organização do evento:

A educadora Abayomi disse que ficaria ensaiando até ver a animação deles/as. Então, ensaiaram mais uma vez, desta vez mais animados/as, batendo palmas inclusive. A educadora Ana aproveita para gravar um vídeo do ensaio, pensando no vídeo que está previsto para ser apresentado em telão no dia da apresentação na UFSCar (XI-3d).

No entanto, podemos perceber, enquanto tensão e não necessariamente contradição no fazer dialógico, pois pode ser apontado como necessidade coletiva para superação de um estado de aprendizagem para outro, que envolve processo educativo de disciplina individual e coletiva.

Tais situações eram pauta de discussão nos momentos de construção dos diários de campo e, principalmente, nas reuniões de planejamento e avaliação de forma que os/as educadores/as se ajudavam nas reflexões sobre estas tensões no processo educativo de busca constante da reflexão coletiva pelo diálogo.

Também nas situações de conflito entre participantes era comum que ao serem indagados, respondiam que iam pedir desculpas para a outra pessoa, assim “resolvendo o problema”. Nestas situações educadores/as atuaram problematizando e mediando os eventuais conflitos:

[...] a educadora Irene falou com Anselmo sobre as palavras que ele usou para ofender uma participante e diz que foi uma ofensa muito grave, pois ele estava falando de uma forma que desvalorizava as características dela, de modo pejorativo. Anselmo disse que iria pedir desculpas a ela, mas Irene conversa com ele que não era somente isso, que também era preciso que ele percebesse que estas expressões, xingamentos, são manifestações de racismo e não podem ser aceitas (IV-2).

Para Freire (2014) “Somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz, também, de gerá-lo. Sem ele não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação”

(p. 115). Deste modo, compreendemos que a prática dialógica fundada no amor, humildade e respeito faz parte da busca pela humanização.

Categoria D: Gente é pra brilhar não pra morrer de fome⁶

Nas atividades semanais do VADL, incluindo eventuais passeios, há sempre um lanche para todos/as. Além de ser um momento de convivência, o lanche também é uma necessidade, visto que algumas crianças e adolescentes declaram ter dificuldade de acesso a alimentos em suas casas. Santos (2008), que já participou do projeto VADL como um dos educadores, e neste realizou sua pesquisa de mestrado em Educação, também apontou o lanche como um importante elemento a ser considerado, ao compreender a realidade econômica empobrecida das crianças e adolescentes participantes.

Consideramos a fome também como uma violência contra aqueles e aquelas que a têm, por entendê-la como resultado de uma desigualdade social, construída e sustentada até os dias atuais.

Durante uma das atividades, um dos participantes parou de brincar alegando que estava com muita fome. A educadora Sandra o levou, juntamente com a irmã dele, até a biblioteca “Menino Maluquinho” (organizada no projeto com livros comprados e/ou doados por pessoas físicas e jurídicas) para que comessem o lanche, o qual geralmente é distribuído ao final do período, conforme trecho do diário de campo a seguir:

Durante a atividade de Bets⁷, João parou de jogar, pois estava com muita fome. Sandra questionou se ele havia tomado café e ele respondeu que nem ele nem a irmã dele, Lívia. Sandra então levou os dois para a biblioteca “Menino Maluquinho” e ofereceu o lanche de modo antecipado a eles, os dois comeram e retornaram para a atividade e, depois no horário habitual do lanche, ele e ela receberam lanche novamente (VII-9).

No Clube do Sindicato dos Metalúrgicos de São Carlos, onde atualmente é desenvolvido o projeto, há árvores frutíferas (mangueira, limoeiro, entre outras) cujos/as participantes gostam de subir, pegar as frutas, comer e às vezes levar para casa para si ou para alguém da família. Conversamos nas reuniões de planejamento e com os/as participantes nas rodas de conversa sobre esta situação, pois havia alguns cuidados a serem observados:

Os funcionários haviam orientado que se aguardasse até que as frutas ficassem maduras para o consumo, e que fosse combinado com os/as educadores/as e participantes um momento em que todos/as fossem juntos/as para coletar as frutas (IV-1).

A ida a árvore para comer mangas verdes era muitas vezes compreendida por nós educadores/as como um desrespeito aos combinados estabelecidos ou até uma

distração, mas se fez necessária à compreensão da situação de fome e, de outro lado, do costume de alguns pais ou responsáveis dos/as participantes em consumir manga verde, inclusive com uso de sal.

Entendemos que, para conhecer ou reconhecer o que outras pessoas sentem, passam e pensam, é necessário conviver. É através do contato próximo, fundamentado no diálogo, que desenvolvemos um processo educativo de respeito a outrem, admitindo que o que pensamos ou sabemos pode não ser completo, pode não contemplar saberes e necessidades de outras pessoas.

Considerações

Consideramos, a partir da análise realizada, que os processos educativos podem acontecer em diferentes momentos, não estando restritos às intervenções dos/as educadores/as. Assim, antes, durante, nos intervalos, ou após o final das atividades do projeto, decorreram processos educativos a partir das relações entre participantes-participantes, participantes-educadores/as e educadores/as-educadores/as.

A vivência de educadores/as, crianças e adolescentes no projeto intenciona o constante pensar-agir a partir das situações encontradas no cotidiano, gerando processos educativos variados, como o respeito a outrem, a solidariedade, a cooperação, a autonomia, o protagonismo, a disciplina individual e coletiva, fundados no diálogo entre todos/as.

Para os/as educadores/as, a categoria relacionada à fome, que não havia sido tema de grandes debates durante os cursos de graduação, desencadeou aprendizados e reflexões sobre situação econômica empobrecida que passam algumas crianças e adolescentes das periferias urbanas. Compreender a condição das pessoas com as quais convivemos é um passo fundamental numa educação pautada na busca pela transformação.

Consideramos ainda, que a apresentação musical dos/as participantes do projeto no “Festival Sons e Movimentos” foi uma oportunidade dos/as mesmos/as serem foco das atenções, no palco do Teatro Florestan Fernandes: mostrarem seus rostos, suas capacidades de criação, preparação e apresentação; lidar com diferentes sentimentos (ansiedade, vergonha, alegria); conhecer uma universidade da cidade e situá-la no mapa geográfico e de vida, ampliando o horizonte de possibilidades, podendo incluir tal experiência no espectro de possibilidades e sonhos a serem almejados.

Depreendemos, diante da intervenção e investigação, que a atuação em um projeto de extensão social envolve uma teia de relações que precisam ser valorizadas: o encontro com situações não previstas pela formação acadêmica; a aproximação entre grupo específico da cidade e universidade; a possibilidade do convívio e aprendizado com pessoas socialmente marginalizadas, seus modos de ser/agir no mundo em resposta ao que lhes é imposto; o

desejo de aproximação entre realidades para criação de alternativas críticas e dialógicas ao trabalho, ao lazer, à educação, à saúde, à música.

Contribuição de Cada Autor/a

MFVA e BFC escreveram uma versão preliminar sob orientação do professor LGJ para o 6º Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: Etnomotricidades do Sul. MFVA e BFC realizaram junto a educadores/as do projeto de extensão Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer, a intervenção em educação musical. MFVA e BFC coletaram, organizaram e analisaram os dados. A partir das contribuições dos/as colegas presentes no Colóquio, MFVA e LGJ escreveram e revisaram o texto final para publicação em revista.

Notas

1. Versão preliminar deste artigo foi apresentada por Arruda e Costa (2015).
2. No texto original o autor faz a opção por "música na comunidade".
3. A propósito do *Fútbol Callejero*, ver Belmonte e Gonçalves Junior (2018).
4. Nomes fictícios escolhidos pelas próprias pessoas participantes da pesquisa.
5. Música de Arnaldo Antunes e Paulo Tatit, interpretada pelo grupo Palavra Cantada.
6. Frase do poeta russo Maiakovski, citada por Caetano Veloso em sua canção, que tem o mesmo título.
7. Também conhecido por “taco”. Neste jogo uma dupla começa com os tacos tentando rebater a bola, enquanto as pessoas da outra dupla arremessam a bola, do outro lado do campo de jogo (cerca de 10 metros de distância) com o objetivo de derrubar a garrafa PET posicionada no chão ou na base de cada uma das equipes. Ganha pontos a dupla que rebate a bola e consegue trocar de lugar entre si, cruzando o taco no meio do campo de jogo. Caso a outra dupla consiga derrubar a garrafa PET, as funções se alternam e a dupla que estava com os tacos passa a arremessar a bola. Há inúmeras variações de regras e nomes para este jogo popular.

Referências

- ALVES, R. **Variações sobre o prazer**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.
- ARRUDA, M. F. V.; COSTA, B. F. Educação musical em um projeto social: processos educativos vivenciados. In: Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: Etnomotricidades do Sul, 6, 2015, Valdivia (Chile). **Anais...** São Carlos: SPQMH, 2015. p. 49-59.
- BELMONTE, M. M.; GONÇALVES JUNIOR, L. Fútbol callejero: nascido e criado no sul. **Revista Crítica de Ciências Sociais** (Portugal), n. 116, p. 155-178. 2018.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. Notas de campo. In: BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. (Eds.) **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994. p. 150-175.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 57. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GALON, M.; AMENT, M. B.; DUTRA, P.; SEVERINO, N. B.; JOLY, I. Z. L. Por uma educação musical humanizadora. In: Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 23, **Anais...** Natal, 2013.

GONÇALVES JUNIOR, L.; CARMO, C. S.; CORRÊA, D. A. Ciclotriagem, lazer e educação ambiental: processos educativos vivenciados na Serra da Canastra. **Licere**, v. 18, n. 4, p. 173-208, 2015.

GONÇALVES JUNIOR, L. **Plano de trabalho da parceria entre os projetos “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer” (DEFMH/UFSCar) e “Mais Que Futebol” (ADESM)**. São Carlos, UFSCar, 2017.

HIGGINS, L. **Community music**: in theory and in practice. New York: Oxford University Press, 2012.

HIGGINS, L. Representação de prática: música na comunidade e pesquisa baseada nas artes. **Revista da Associação Brasileira de Educação Musical**, v. 23, p. 7-14, 2010.

KATER, C. O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social. **Revista da ABEM**, n. 10, p. 43-51, 2004.

MARTINS, D. A. F.; GONÇALVES JUNIOR, L. Musical dialogical education: an experience inspired by the pedagogy of Paulo Freire. **Journal of Modern Education Review**, v.7, n. 4, p. 240-246, 2017.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia**: fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Moraes, 1989.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

OLIVEIRA, M. W.; SILVA, P. B. G.; GONÇALVES JUNIOR, L.; MONTRONE, A. V. G.; JOLY, I. Z. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: OLIVEIRA, M. W.; SOUSA, F. R. (Org.). **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos-SP: EDUFSCar, 2014. p. 29-46.

SANTOS, M. O. **Ludicidade, animação cultural e educação**: um olhar para o projeto “Vivências em

atividades diversificadas de lazer”. Dissertação de Mestrado. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2008.

SEVERINO, N. B.; JOLY, I. Z. L. Definindo conceitos: o que é isso que chamamos de educação musical humanizadora? In: JOLY, I. Z. L.; SEVERINO, N. B. (Orgs.). **Processos educativos e práticas sociais em música**: um olhar para a educação humanizadora. (Pesquisas em educação musical). Curitiba: CRV, 2016. p. 19-28.

Como citar este artigo:

ARRUDA, M. F. V. de; GONÇALVES JUNIOR, L.; DA COSTA, B. F. Educação musical humanizadora em um projeto de extensão: desvelando processos educativos. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 9, n. 3, p. 165-172, 2018. Disponível em: < <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/7747/pdf> >